

Olimpismo & Ideologia - O Desporto ao Serviço da Humanidade

Gustavo Pires¹

Para que cem se entreguem à cultura física é necessário que cinquenta pratiquem desporto. Para que cinquenta pratiquem desporto, é necessário que vinte se especializem. Para que vinte se especializem, é necessário que cinco sejam capazes de proezas espantosas.

Pierre de Coubertin (1931)
Mémoires Olympiques

Aspectos Iniciais

A questão é a de saber se estamos preparados para mudar.

Há mais de dois mil anos Confúcio afirmou que “se o homem não der atenção aos problemas quando eles ainda estiverem longe, vai ter que se preocupar quando se aproximarem”, Hoje em dia, os analistas do futuro dizem que o século XXI será um século de sistemática instabilidade, desordem e desintegração social. As duas ou três próximas décadas serão um tempo de grande complexidade e de mudanças cruciais nos domínios social, político e económico. Na realidade, estamos a viver tempos de grandes mudanças, pelo que a única coisa que podemos tomar como certa é que a mudança é a única coisa que não mudará. Em conformidade, a questão que se coloca às pessoas, às organizações e às sociedades é a de saber o que fazer agora.

Muito embora alguns tenham afirmado que a “história chegou ao fim” e, em consequência, terminado o tempo das ideologias, o que é facto é que a ideia de que deve haver uma intervenção política é ainda muito forte no que diz respeito à

¹ Responsável pela Licenciatura em Gestão do Desporto da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.

necessidade de intervenção e envolvimento da generalidade das pessoas, muito embora também haja um sentimento generalizado que nos tempos que correm, consubstanciar essa intervenção política seja muito difícil.

O movimento desportivo, em termos mundiais, encontra-se, também, numa profunda crise de mudança. Problemas relativos à corrupção, *doping*, exploração do trabalho infantil, economia subterrânea, comercialismo, violência e, entre outras, a um profissionalismo precoce, estão a ferir de morte o desporto moderno. Nos últimos quarenta anos, que correspondem à fase de “take off” (arranque) do desporto moderno, foram praticados os mais diversos excessos. Mas a este respeito temos de mais uma vez recordar as palavras de Coubertin quando dizia, em princípios dos anos trinta, que “a ideia de suprimir os excessos é uma utopia dos não desportistas.” No entanto, é necessário dar atenção aos problemas enquanto eles ainda estiverem longe.

Em conformidade, o que o mundo do desporto espera do Movimento Olímpico (MO) e do Comité Internacional Olímpico (CIO), após a renovação acontecida a partir de 1999, é a capacidade prospectiva que, aproveitando a ideia de Gaston Berger, se traduz na necessidade de ver longe e com amplitude, analisar em profundidade, arriscar e pensar na humanidade. De facto, uma nova estrutura organizacional, um código de conduta ética, limite de idade, sistema de candidaturas, foram assuntos discutidos que vão certamente fazer mudar de rumo o MO, depois dos tristes casos de corrupção de Salt Lake City e Nagano.

Mas será só isto, suficiente para afastar o MO de todas as críticas de que tem sido alvo? Estamos em crer que não. De facto, o mundo do desporto foi envolvido pelo dinheiro e pelo comercialismo desenfreado, e o MO, infelizmente, deixou-se enredar em processos que lhe abalaram profundamente o prestígio e a credibilidade.

O que somos levados a questionar, é se não seria previsível o que aconteceu, quando o CIO já vinha a ser questionado sobre o assunto há diversos anos?

Muito provavelmente, foi necessário acontecer o que aconteceu, para que as mudanças acontecidas e outras que se espera venham a acontecer, tomassem ou venham a tomar forma. Na realidade, o CIO não pode ser visto como um clube de super homens e mulheres livres de qualquer tentação e acima de qualquer suspeita. A corrupção, veio de fora para dentro na medida em que vivemos numa sociedade em que os valores cada vez pesam menos. Por exemplo, dos americanos, entre os 18 e os 34 anos de idade, 79% acredita não haver um padrão absoluto no que diz respeito à ética. Tal como Jennings, M. (1999) refere, 73% deles aceitaria contratar o empregado de um concorrente para obter informações confidenciais. A mesma investigação apurou que somente 60% de presos admitiu poder ter tal comportamento! Em conformidade, é necessário pensar de novo qual o papel do desporto no quadro da vida humana, sob pena do desporto, se transformar definitivamente numa simples forma de alienação

de massas, em sociedades que, nesta era da globalização dos comportamentos, caminham tendencialmente para a perda de princípios e de valores.

Joy De Sensi (1996) faz referência à natureza capitalista das modernas sociedades envolvidas por uma lógica do comércio e do lucro. Esta lógica, tem vindo a afectar os valores do mais simples cidadão, àqueles que devem ser preservados pelas grandes organizações como o CIO e pelos próprios estados. No que diz respeito aos estados, dos mais diversos países, podemos verificar um cada vez maior reforço da sua intervenção no mundo do desporto de alta competição, como forma de tirar proveito, a nível político-partidário, das vitórias das respectivas equipas nacionais. Foi significativa a posição do presidente bielorusso Alexander Lukashenko, responsável pelo Comité Olímpico do seu país (!), quando informou os atletas que iam participar nos Jogos Olímpicos de Sydney, que as medalhas conquistadas seriam recompensadas. "Apresentem resultados e terão um apartamento e dezenas de milhares de dólares que lhes permitirão viver com conforto para o resto da vossa vida. Comprarei o que vocês precisarem, sejam armas, barcos, fatos de banho ou roupa interior." (Copyright © 1999 Associated Press) A Bielorrússia conquistou 17 (3+3+11) medalhas em Sydney. Não sabemos se o presidente cumpriu a sua promessa.

Por outro lado, se pensarmos que os direitos televisivos suportam 50% das receitas de marketing do CIO, que em Atlanta orçaram os 895 milhões de dólares e que em Atenas, muito provavelmente, vão atingir 1482 milhões, podemos verificar que toda a lógica do MO deve obedecer a critérios muito bem definidos no que diz respeito à utilização do dinheiro, bem como aos comportamentos dos membros do CIO, sob pena de tudo poder ser novamente posto em causa. Jacques Rogge, já deu alguns sinais de que não está disposto a continuar a política de Fausto do seu antecessor. E, a este respeito, para salvaguarda do bom-nome da organização não pode haver cedências. Em quaisquer circunstâncias, os valores que devem presidir ao MO devem ser salvaguardados em termos de vértice estratégico pelo CIO, que para o efeito deve prosseguir com as reformas em bom tempo iniciadas por António Samaranch.

Nos tempos que correm, o CIO pode ser o verdadeiro guardião dos valores que devem presidir ao desporto em geral e ao MO em particular, sob pena do desporto se transformar numa actividade circense, dominada pelo império da violência, da corrupção, do doping, da exploração do trabalho infantil, ou da economia subterrânea, que hoje infelizmente já envolve o mundo do futebol (Patrick Vassort, 2002) e que ameaça alastrar por outras modalidades desportivas.

Nesta conformidade, o presente trabalho tem como objectivo em primeiro lugar, argumentar que não há desporto sem ideologia. Em segundo lugar, apresentar um modelo conceptual de análise do desporto moderno. Em terceiro, arguir que o desporto do futuro, só tem legitimidade se for organizado no quadro do desenvolvimento

humano. Para que isto seja possível, aliás, de acordo com o que está expresso na Carta Olímpica, é fundamental, e esta é a nossa recomendação, transformar o Olimpismo numa alavanca de desenvolvimento, efectivamente ao serviço da humanidade.

Tempo de Ideologias

A questão é a de saber se ainda necessitamos de ideologias.

A ética enquanto filosofia procura determinar os propósitos da vida humana e os meios para os alcançar. Enquanto reflexo do comportamento moral deve ser um assunto de todos os dias pelo que é também fundamental para aqueles que nas mais diversas organizações públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos, são responsáveis pela idealização e determinação das políticas em matéria de desporto. A ética deve orientar os decisores políticos no sentido das políticas desportivas estarem ao serviço do desenvolvimento humano. Este, de acordo com a posição das Nações Unidas é um processo através do qual se procura alargar as oportunidades das pessoas no sentido delas poderem expandir as suas capacidades, terem uma vida longa e saudável e acederem ao conhecimento e aos recursos necessários a uma vida decente.

Nesta perspectiva, as políticas desportivas não são uma simples questão de controlo do consumo de drogas proibidas, resultados internacionais, grandes eventos ou, entre outros, de assuntos de natureza legal. No domínio do desporto, a política também tem de significar desenvolvimento humano e a correspondente dimensão ética relativa às necessidades das pessoas onde quer que elas estejam. Nesta perspectiva, o desporto deve ser um instrumento de promoção da democracia ao serviço do desenvolvimento.

A ética configura um conjunto de princípios básicos e de crenças de validade universal. No entanto, devemos considerar que a questão ética não é um conceito estático, limitado por certas formas fixas e determinadas práticas. Nenhum modelo de princípios éticos pode ser assumido como de aplicação universal, dado a diversidade de valores culturais e experiências históricas dos povos. Quer dizer, existe uma diferença entre a validade teórica e a aplicação de ordem prática. Do mesmo modo, o desporto tem de encontrar os mais diversos processos de desenvolvimento, de acordo com as características de cada país. No entanto, a questão que se coloca é a de saber como preservar estes valores se, após o desmoronar da União Soviética e seus satélites, os governos dos mais diversos países do mundo deixaram que o desporto fosse envolvido numa lógica económica da qual também beneficiam? Essa lógica, desprovida de quaisquer valores para além daqueles que presidem ao mercantilismo mais feroz, está a pôr em causa o desenvolvimento do desporto moderno, no quadro dos valores do desenvolvimento humano. Em conformidade, agora que nos estamos a preparar não

só para vivermos neste novo século e milénio, talvez seja necessário, no quadro do Olimpismo moderno, perguntar, uma vez mais, se o desporto enquanto expressão pessoal do corpo e do espírito pode exprimir pelo seu desenho social e organizacional uma perspectiva política e ideológica?

A função da ideologia no desporto, de um ponto de vista geral, deve ser um conjunto de conceitos que permitem tornar o desporto útil para a sociedade em geral e para os mais diversos grupos sociais em particular. Contudo, se olharmos para o espectro político que organiza as sociedades nesta passagem de século temos de reconhecer que vivemos tempos de grande confusão. As ideologias políticas que no passado deram confiança e perspectivas de uma vida melhor às pessoas já não estão a responder à maioria das suas necessidades. A questão está em saber se essa ausência de resposta se fica a dever às pessoas que já não são as mesmas, à sociedade que se modificou, ou aos sistemas ideológicos que deixaram de responder às questões mais prementes da sociedade global.

No que diz respeito às pessoas, sabemos que desde a segunda metade do século passado alguns líderes políticos têm vindo a argumentar que a ideologia chegou ao fim. Por exemplo, no ano de 1962, John F. Kennedy afirmou: "Eu gostaria de dizer uma palavra acerca da diferença entre mito e realidade. Muitos de nós fomos, durante vários anos, condicionados para ter um ponto de vista político, Republicano ou Democrata - liberal, conservador, moderado. Mas, o que é facto é que a maioria dos problemas, ou pelo menos muitos deles que agora temos de enfrentar, são problemas técnicos e administrativos. Eles são muito sofisticados pelo que não se ajustam a uma grande maioria dos "movimentos apaixonados" que, tantas vezes, aqueceram o País no passado. Agora eles lidam com questões que estão para além da compreensão da maioria das pessoas." Claro que o mundo, hoje, sabe que este tipo de perspectiva acabou na Baía do Porcos, em Watergate e, entre outras, na tragédia do Vietname. No que diz respeito à sociedade, sabemos que o sonho de qualquer político sem escrúpulos é poder funcionar sem princípios, sem valores, quer dizer, sem ideologia. No que diz respeito à ideologia, começa a ser claro, nos mais diversos países do mundo, que as pessoas precisam de quadros de referência para poderem funcionar de acordo com determinados padrões de civilidade. Quando não os têm, porque não lhes deram através da educação, vão à procura deles e, geralmente, os resultados obtidos não são os mais recomendáveis. É evidente que a cultura que está a envolver o mundo do desporto, não é a mais recomendável, no entanto, os estados e os organismos desportivos nacionais ou internacionais, também não têm promovido outra.

Em conformidade, o Olimpismo, enquanto sistema de valores, não pode deixar de ser um quadro ideológico ao serviço do desenvolvimento humano, sob pena de não

servir para nada. O desporto só por si nada significa se não ligar, a educação, o ensino, o espectáculo desportivo, a um projecto de desenvolvimento humano. Mas há quem diga que não. Que o desporto nada tem a ver com a ideologia. Se é preciso fazer que se faça. Não vale a pena perder tempo a pensar nas opções possíveis, “just do it”. No entanto, também aqui vale a pena voltarmos aos valores eternos do pensamento humano.

Para Aristóteles, o conhecimento tem de ser obtido através de um sistemático estudo da lógica. A lógica, enquanto disciplina normativa, ao propor-se determinar as condições da verdade nos diferentes domínios do saber, acaba por determinar os fundamentos das ideologias enquanto sistemas mais ou menos coerentes de ideias, que os mais diversos grupos sociais apresentam como uma exigência da razão. Enquanto estudo e determinação dos modos de pensamento discursivo, permite evitar as contradições entre os quadros teóricos e a praxis política. Nestes termos, negar a ideologia é negar o pensamento, é assumir a “derrota do pensamento” (Alain Finkielkraut, 1987) no quadro das sociedades modernas, aceitando um conformismo pós-moderno em que o pensamento está ausente de um cada vez maior número de actividades entre elas o desporto que assumirá essa outra característica dum pós modernismo que é o puerilismo. Estará o Olimpismo a entrar na categoria dos conceitos em que o pensamento deixou de existir, quer dizer, foi derrotado? É que em muitas circunstâncias, até pelo comportamento inconsciente dos seus dirigentes, o desporto já atingiu um estado pueril.

As teorias ideológicas, definem o seu objecto de estudo em termos de certas identidades (princípios de identidade) que se acredita organizam o processo de reflexão, o conhecimento e as circunstâncias de ordem ética. Deste modo, a ideologia é entendida como uma estrutura de ideias, crenças, concepções, categorias e sistemas de pensamento, concebidos para explicarem e transformarem o mundo. Portanto, entendemos a ideologia como um conjunto sistematizado de princípios que ligam a percepção do mundo a valores explícitos de ordem moral e ética. O que é que seria o mundo se não existissem valores de ordem ética e ideológica? Ortega y Gasset (1883-1955), argumentava em “A Rebelião das Massas” (1929) que a democracia de massas podia ser conduzida a ser dominada por mediócras em vez de liderada por elites intelectuais. De alguma maneira, é isto que está a acontecer no mundo do desporto. Claro que ainda necessitamos de ideologias, quer para a organização social em geral, como, também, para determinados sectores específicos da sociedade como o desporto, sob pena do desporto se transformar num alienador de massas, sem qualquer significado para o desenvolvimento humano. Sem os princípios da moral, ética, conhecimento, é completamente impossível gerir e desenvolver o desporto ou outro aspecto qualquer da vida social, económica e política. Deste modo, a ideologia tem de

ser, em primeiro lugar, uma estrutura de conceitos, capaz de, em segundo lugar, interpretar o sentido dos acontecimentos, para, em terceiro lugar, anunciar a mudança, de acordo com a necessidade humana da superação e da busca da transcendência. É nesta busca da transcendência, que entendemos deve ser encontrada a vocação e a missão do Olimpismo moderno.

No nosso ponto de vista, a transcendência humana inerente ao próprio Olimpismo, não pode ser separada do desenvolvimento sustentável. De acordo com as Nações Unidas, sustentabilidade significa conseguir suprir as necessidades das gerações actuais sem comprometer os direitos e as oportunidades das gerações vindouras. Significa, a necessidade de haver equidade intra gerações e inter gerações. Deste modo, o desenvolvimento humano é um processo de alargamento da qualidade das escolhas que as pessoas podem realizar. No entanto, o referido alargamento, tanto deve considerar as gerações actuais como as futuras, sem sacrificar qualquer delas em benefício das outras. E não pode ser cego, já que o acesso às escolhas tem de ultrapassar as assimetrias sociais, do género, da idade ou da geografia.

Na realidade, o Olimpismo pode até enfatizar o desenvolvimento sustentável em relação a uma concepção limitativa que o relaciona exclusivamente com a dimensão ambiental do desenvolvimento. Mas não é suficiente, porque as políticas desportivas geridas numa perspectiva insustentável, como é por exemplo o gigantismo e o comercialismo dos Jogos Olímpicos modernos, significa que a promoção do desporto não está a ser realizada de acordo com os interesses das actuais e futuras gerações. De acordo com Gilgert Heebner, as anomalias são sempre significativas. Por isso, não podemos aceitar de todo a opinião de Richard Pound, ex-responsável pelo marketing do COI, quando faz a seguinte pergunta: “Se tirarmos o *sponsoring* e o comercialismo do desporto o que é que nos resta?” E é o próprio que nos dá a resposta: “Uma sofisticada e bem afinada máquina, desenvolvida durante um período de 100 anos, mas sem gasolina.”

Reduzir o Olimpismo a uma mera questão de contabilidade, ou até só de resultados desportivos, no fundo, trata-se duma vitória da incultura sobre uma cultura de milhares de anos que pertence à história da humanidade. É evidente que o dinheiro é importante, mas um desporto sem valores e, consequentemente, sem estar ao serviço da humanidade, acaba por se transformar numa actividade alienante, dominada pelo império brutal de massas acéfalas e corroída pelos mais diversos estigmas que hoje começam a ferir de morte o sonho de Coubertin.

De acordo com Vilfredo Pareto (1848 – 1923) as “políticas sociais, geralmente, começam com o princípio de que a mudança é boa se conseguir fazer com que alguém fique melhor sem que alguém fique pior.” De acordo com esta ideia, a Carta Europeia do Desporto, adoptada pelo Comité de Ministros dos países membros da Comunidade

Europeia, em 24 de Setembro de 1992, diz-nos que os governos devem assegurar que, de uma geração para outra, as actividades desportivas devem ser levadas a cabo “de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável.” Na perspectiva de Habermas (1993), trata-se de um diálogo necessário entre gerações actuais com as futuras. É desta maneira que entendemos o acordo de cooperação realizado entre o CIO e o Banco Mundial em 21 de Novembro de 1996 com o objectivo de promover um desenvolvimento humano sustentável e aumentar a tolerância e a compreensão entre indivíduos e culturas. O Sr. Wolfensohn, presidente do Banco Mundial, que competiu em 1956 nos Jogos Olímpicos enfatizou a especial importância do acordo: “Pessoalmente tem um grande significado para mim. Eu conheço os ideais do Movimento Olímpico pelo que sou capaz de compreender a sua coerência com o trabalho do Banco Mundial. Queremos dar às pessoas principalmente àquelas dos países mais pobres, uma razão para acreditarem num futuro mais brilhante, a oportunidade para realizarem o seu potencial humano. Queremos um Mundo mais pacífico, sustentado na tolerância, cooperação e desenvolvimento sustentável.”

O Olimpismo tem de ser esta capacidade de pôr as gerações passadas em diálogo com as actuais e as futuras. O desenvolvimento sustentável, significa precisamente a inteligência do diálogo entre aqueles que transmitiram um legado, aqueles que momentaneamente o detêm e aqueles que, no futuro, o vão receber. Se houver uma quebra num dos elos deste diálogo, o desenvolvimento humano, claro que fica comprometido.

Nestas circunstâncias, é necessário saber em que modelo de organização estamos a funcionar, para que depois possamos decidir pelas justas e apropriadas políticas. Tal como Habermas (1993) afirmou, a legitimidade das normas sociais deve ser avaliada pela aceitação da “situação de discurso ideal”. O problema é que para além dos discursos e dos acordos entre dirigentes políticos e desportistas, em muitos países do mundo, uma medalha olímpica vale cem mil vezes mais do que mais cem mil praticantes desportivos. Quando esta atitude ocorre, não existem condições de “discurso ideal” e é isso que o Olimpismo tem de combater. Neste domínio, a célebre ideia da “pirâmide de Coubertin” com que iniciámos este trabalho, é completamente posta de lado, e o princípio olímpico que nos diz que “mais importante do que vencer é participar”, completamente subvertido aos ditames do rendimento, da medida, do recorde, do espectáculo, do profissionalismo precoce e de dirigentes que só vêem o Olimpismo e os Jogos Olímpicos como instrumentos da sua promoção pessoal, em que os praticantes desportivos são o que menos interessa.

Estamos a mudar duma sociedade sustentada na lógica estandardizada da civilização industrial, para uma outra baseada na dinâmica do conhecimento. Portanto, agora a questão já não se coloca relativamente ao “como é que as coisas devem se

feitas?”, mas “porque é que as coisas são feitas dessa maneira?” Isto significa compreender e acreditar no conceito fundamental de transcendência humana. Nestas circunstâncias, a ideologia é um conjunto de assunções (formas ideais, estudo sistemático da lógica, busca da transcendência, situações de discurso ideal, método hipotético-dedutivo) com as quais as pessoas se relacionam consigo próprias, com as outras, com as organizações, com a sociedade, com o desporto e a própria vida. Estas assunções, organizam, orientam e sustentam o comportamento das pessoas em relação a cada contexto. Deste modo, a génese e a validade do Olimpismo, não podem mais ser separadas e ignoradas como, de alguma maneira foram no passado, duma perspectiva técnica, ideológica, política e estratégica que tem a ver com o desenvolvimento humano. Aliás, a própria Carta Olímpica reconhece este aspecto fundamental, quando no n.º 2 do capítulo 1º, relativo à missão do CIO, diz concretamente que o CIO deve “colaborar com os organizadores e autoridades públicas ou privadas competentes a fim de colocar o desporto ao serviço da humanidade.” Assim, há que realizar um grande esforço para obviar à contradição existente entre aquilo que as pessoas e as organizações deviam fazer e aquilo que na realidade fazem, no domínio das políticas desportivas.

A interpretação do desporto pode variar de acordo com a posição ideológica segundo a qual é analisado, tendo em consideração as duas principais categorias da vida humana: o jogo e o trabalho. Estas categorias, descrevem a maneira como a ideologia relativa ao desporto pode ser interpretada tendo em consideração a respectiva importância de cada uma delas no que diz respeito ao padrão de vida humano.

A primeira questão é: Qual das duas categorias – jogo ou trabalho – é a categoria absoluta da vida.

A segunda questão é: Será que a resposta à primeira questão tem significado no quadro do processo de desenvolvimento do Olimpismo moderno?

Para os marxistas, o trabalho é a condição básica da existência humana e o seu modo original de expressão. Para eles, a primazia do trabalho sobre o jogo é uma questão de consequências ideológicas. O divertimento, as distrações e o descanso, tornaram-se necessidades que de acordo com Hoberman (1989), representam uma concessão realizada pelos marxistas. Álvaro Cunhal, antigo secretário-geral do Partido Comunista Português, em entrevista à revista do semanário “Expresso” (20/4/96) afirmava: “Nós os marxistas dizemos que o género humano começou a ser género humano no dia em que o homem produziu os seus instrumentos de trabalho.” Segundo Marie-Francoise Lanfant, (1972: 143) “no contexto socialista a noção de tempo livre é socialmente valorizada, pois é uma conquista do socialismo, enquanto que aquela do lazer remete para valores individualistas de coloração burguesa. É **moralmente**

condenável”. Numa perspectiva que, podemos dizer, ultrapassou a esquerda pelo lado esquerdo, emergente de Maio de 1968, a economia capitalista “criou uma falsa consciência na mente dos oprimidos e dos opressores. A economia capitalista “criou um sistema desportivo que explora os atletas e muitas vezes reflecte o violento e mecanizado ritmo do trabalho.” (Bruce Kidd, 1980). Para Jean-Marie Brohm (1972), o desporto reflecte as categorias do sistema industrial capitalista. De facto a história do desenvolvimento do desporto moderno é a história do desenvolvimento do capitalismo industrial, pelo que o surgimento dos Jogos Olímpicos aconteceu com o surgimento do comércio internacional. Repare-se que os quatro primeiros Jogos Olímpicos da era moderna aconteceram em articulação com feiras comerciais.

Por outro lado, na óptica liberal, o lazer, como expressão da mente, é a categoria básica da existência humana e a forma original do desenvolvimento humano. A primeira e primitiva actividade da vida é, sempre livre, efusiva, plena, o que significa “a expressão liberal de energias pré-existentes” (Gasset, y Ortega, 1924). Todas as acções utilitárias são meras reacções a necessidades básicas, consideradas como funções vitais de segunda categoria. De acordo com este ponto de vista, as destrezas motoras são elaboradas no jogo para adquirirem progressiva utilidade no mundo do desporto formal. Ainda segundo Gasset (1938), ao trabalho contrapõe-se outro tipo de esforço que não nasce de uma imposição, mas de um impulso libérrimo e generoso da potência vital que é o desporto.

Quer dizer, tudo tem de ser repensado e readaptado a uma sociedade que está a organizar uma nova estrutura de tempo, em que o trabalho e o lazer, muito provavelmente, vão deixar de ser as actividades diametralmente opostas que foram no passado. É evidente que, nestas circunstâncias, o ideal olímpico tem de ser, também, reequacionado num quadro previsível em que, muito certamente, num futuro próximo, deixará de existir a separação que hoje existe entre as duas categorias fundamentais da organização social, o trabalho e o lazer. Aliás, se olharmos para os Jogos Olímpicos modernos, sobretudo a partir de Barcelona 92, eles já traduzem esta realidade em que é muito difícil estabelecer os limites entre trabalho e lazer.

Em conformidade, a resposta à pergunta com que iniciámos o presente capítulo só pode ser afirmativa.

Um Modelo Conceptual Sustentável

A questão agora tem a ver com o impacto que as ideologias têm na capacidade dos governos e as grandes organizações internacionais como o CIO, determinarem políticas desportivas. O problema agora tem a ver com a necessidade de passar da teoria à prática, o que não é fácil.

A sociedade industrial ensinou às pessoas o que fazer e como as coisas deviam ser feitas. Num ambiente industrial complexo e turbulento, os políticos têm sido pressionados pelo sentido de urgência e envolvidos numa atitude estratégica que, no fundo, tem resultado em menor qualidade das soluções, na medida em que estas acabam por estar desligadas dos verdadeiros problemas das pessoas. O sentido de urgência tem afastado os dirigentes e gestores da génese dos problemas do desporto que dizem respeito ao processo de desenvolvimento humano. Todas as evidências indicam que, em muitos países, os governos e as grandes organizações internacionais, deviam actuar fora de um imposto sentido de urgência, de forma a protegerem os cidadãos e os seus próprios interesses.

Para dar um sentido às coisas e uma direcção à estratégia, são necessários modelos que ajudem a equacionar as situações e a organizar as soluções. Em conformidade, um modelo conceptual ideológico de desenvolvimento do desporto, torna-se uma questão de importância e qualidade e não de urgência e quantidade. Por isso, é necessário compreender verdadeiramente os significados de situação desportiva e de nível desportivo (Castejon Paz, 1973), para que depois possa ser possível engendrar uma ideia estratégica sustentável acerca do futuro que se deseja construir.

Quadro

Áreas Organizacionais



Para de alguma maneira responder às questões que temos vindo a colocar, pensamos ser necessária a existência de um modelo teórico que nos permita compreender a dinâmica do desporto moderno num quadro conceptual inteligível. O desporto dos nossos dias, é uma actividade humana multidimensional (movimento, jogo, competição, institucionalização, projecto) que assume uma geometria variável, de acordo com o contexto em que a dimensão projecto estiver a ser realizada (G. Pires, 1994), na medida em que a dinâmica desportiva se tem de adaptar constantemente à complexidade e velocidade de mudança do ambiente social, económico e político. A nossa ideia, é que o Olimpismo pode e deve acompanhar esta dinâmica, porque só assim sobreviverá. A nossa ideia é que o Olimpismo enquanto processo de desenvolvimento humano, aliás de acordo com o expresso na Carta Olímpica, tem que cruzar todas as actividades desportivas, sob pena de o desporto deixar de ter valor social, e até mesmo poder transformar-se numa actividade humana mais geradora de externalidades de sinal negativo do que de sinal positivo. Os movimentos que se opõem ao Olimpismo e à realização dos Jogos Olímpicos, são um alerta para uma dada realidade que não pode ser escamoteada. Em conformidade, sentimos que é necessário um modelo que nos ajude a compreender o sistema global, para que, dentro de determinados parâmetros, possamos cruzar ideias e experiências e, deste modo organizado, provocar a mudança e eventualmente o progresso.

O quadro que apresentamos procura estabelecer um espectro de ambientes ideológicos a partir dos quais é possível entender a organização do desporto moderno e do próprio Olimpismo. Como se sabe, a ideia de Olimpismo ao tocar toda a organização do desporto durante o século XX fez com que o mundo do desporto, hoje, se organize nos mais diversificados modelos que se podem caracterizar, através de um gráfico constituído por dois sistemas de eixos que determinam uma perspectiva mais ou menos racional ou a-razional de gerir o fenómeno desportivo e um outro eixo em que se considera uma outra perspectiva mais ou menos burocrática ou orgânica de organizar o mesmo fenómeno. Quer dizer, um eixo em que, do ponto de vista organizacional, se procura definir um sistema “burocrático versus orgânico” e outro, em que, do ponto de vista pessoal, se considera um comportamento “racional versus a-razional”. Vejamos então, o que é que se passa no interior de cada um dos quadrantes (A, B, C, D) que resultam do cruzamento dos eixos considerados.

Organização Biológica

A questão que se coloca é a de saber se ainda vivemos nas mesmas categorias de vida que vivemos no passado. Como podemos ver, no nosso modelo, o ambiente (A) é caracterizado por todo um conjunto de actividades espontâneas, que vão da religião

à arte da guerra, à violência e competição que caracterizam as mais diversas actividades humanas. Como se sabe, o desporto encontra as suas raízes, entre outras, naquelas actividades. No quadrante (A) procuramos considerar o desporto em primeiro lugar na sua perspectiva antropológica e, em segundo, numa perspectiva actual, como válvula de escape pessoal e social. Neste sentido, estamos a considerar não só as actividades informais e “inorganizadas” na perspectiva de Pociello (1991), mas também outras actividades sociais mais ou menos duras ou doces, tais como as diversas formas de violência, vertigem, algazarra, sejam elas legais ou ilegais, algumas pertencendo à cultura institucionalizada, outras, a uma subcultura que em qualquer dos casos contribui para estabelecer o equilíbrio da organização social espontânea, gerida através do acaso. Estamos no domínio dum processo de adaptação constante, de ajustamento aos acontecimentos desconhecidos, por alternativa a soluções de compromisso ou soluções contingenciais, em relação àquilo que é respectivamente conhecido certo, conhecido incerto e desconhecido.

Organização Histórica e Tradicional

O desporto moderno é um produto da civilização industrial e o seu desenvolvimento organizacional, acontecido nos últimos duzentos anos, foi gerido de acordo com os princípios do industrialismo, quer dizer, daquilo a que Alvin Toffler, (1984) designou de “código oculto da civilização industrial: Concentração; Centralização; Especialização; Estandarização; Maximização; Sincronização. Estes princípios, ao influenciarem a sociedade em geral e o desporto em particular, provocaram um salto qualitativo nas práticas desportivas, do orgânico para o burocrático, da espontaneidade das seitas religiosas para as religiões formais, do desporto informal e inorganizado para o desporto formal do mundo do associativismo desportivo. A institucionalização dos Jogos Olímpicos da era moderna culmina um processo iniciado na segunda metade do século XIX, que vai ter o seu apogeu na segunda metade do século XX.

Também as pessoas de todo o mundo ocidental e dos mais variados regime foram educadas de acordo com o sistema de comando e controlo, fortemente hierarquizado, do mundo industrial. Em consequência, o movimento desportivo foi organizado à imagem e semelhança do próprio industrialismo (L. Volpicelli, 1967). Aquilo que o modelo anterior tinha de orgânico, este tem de burocrático com a institucionalização de todo um conjunto de normas e procedimentos, impostos através dos mais variados códigos, implementados por diversas organizações. Trata-se, portanto, de gerir as regras segundo a necessidade de manter a tradição e a urgência de promover a mudança. Este quadrante, representa o mundo do desporto formal, do

desporto federado, da pirâmide desportiva com os clubes na base, as federações e confederações internacionais no topo. A burocracia institucionalizada é a-racional, porque, na grande maioria das vezes, as normas não se explicam por um padrão de racionalidade, mas, simplesmente, porque a cultura específica da tradição determina que assim seja.

As pessoas e as organizações reagem, muitas vezes com violência, a este modelo organizacional, porque os estados e os governos não lhes deixam margem de manobra para resolverem os seus problemas e expressarem as suas ideias. Como se sabe, o desporto formal, enquanto prática exclusiva, tem sido, muitas vezes, usado, principalmente pela juventude, sem quaisquer perspectivas de vida, para expressar a sua revolta contra uma sociedade falha de oportunidades em que é obrigada a viver.

O Olimpismo, enquanto fenómeno congregador de ideias, vontades, solidariedades e práticas desportivas do ensino ao alto rendimento – de cada um segundo as suas possibilidades, para cada um segundo as suas necessidades –, tem um papel não só desportivo como social de primordial importância, no quadro do desporto formal. Se considerarmos que segundo a Organização Internacional do Trabalho há 246 milhões de crianças a trabalhar em todo o mundo, das quais 8.4 milhões estão sujeitas às piores formas de trabalho infantil, 5.7 milhões são obrigadas a trabalhos forçados, 1.8 milhões estão envolvidas em negócios de pornografia e prostituição, 0,6 milhões participam em actividades ilícitas, incluindo o tráfico de droga, 0.3 são recrutadas para os conflitos armados, temos de perceber que o Olimpismo enquanto quadro ideológico que deve presidir ao desporto federado, pode ter, tem de ter, uma palavra a dizer nesta chaga da humanidade. No entanto, na perspectiva de Avery Brundage, aceitamos que “num mundo imperfeito como o nosso, se se deixar de praticar desporto, cada vez que as leis humanas são violadas, nunca haverá competições internacionais”. A nossa proposta, num quadro de desenvolvimento humano, tem a ver com uma perspectiva de intervenção a montante, quer dizer, antes dos problemas surgirem, de forma a evitá-los e, quando for caso disso, resolvê-los, afirmando as práticas desportivas num quadro duma cultura física, aliás como está expresso na própria Carta Olímpica.

O Olimpismo, não deve servir para o desporto andar a correr atrás dos problemas da humanidade, numa perspectiva de tentar resolvê-los em regime de urgência. Em nossa opinião, o Olimpismo deve ter como estratégia uma política de antecipação e o movimento desportivo ou o movimento olímpico que em teoria até podem coincidir, são espaços de intervenção que não é legítimo que vivam à margem das misérias do mundo, mas, pelo contrário, devem prosseguir uma política para as ajudar a resolver.

Engenharia Social – Organização Política

Durante o século passado, a maioria dos regimes políticos utilizaram o desporto

como um instrumento de promoção dos respectivos poderes, sem que tivessem qualquer ideia acerca do que o desporto deveria e poderia ser do ponto de vista ideológico. A ideologia esteve, e em demasiadas circunstâncias continua a estar, fora da ideia de desporto, na medida em que o desporto tem estado demasiado envolvido numa perspectiva pragmática de desenvolvimento, à margem de qualquer ideia para além do curto prazo. É necessário considerar, também, que em muitas situações, o desporto foi usado para promover regimes políticos como tivemos a oportunidade de ver durante a “guerra fria”. De facto, o desporto no século XX, foi utilizado bastas vezes, pelos mais diversos regimes, como um instrumento sob o ponto de vista ideológico inerte, para promover os respectivos projectos políticos.

Por exemplo os Jogos Olímpicos de 1936 realizados em Berlim foram um excelente meio de propaganda para o regime Nazi. Benito Mussolini, inspirado no Nazismo, foi dos primeiros políticos a reparar que os Campeonatos do Mundo podiam ser peças feitas à medida de qualquer líder nacionalista. Mussolini compreendeu que a vitória no desporto podia motivar as pessoas a andarem pelas ruas a cantarem alegremente, independentemente de viverem ou não num regime democrático, terem uma economia estável, ou até uma vida decente. No Campeonato do Mundo de Futebol de 1938, o seu mote para a equipa italiana foi “vençam ou morram”. Na mesma década, a URSS idealizou um programa de educação física sob a divisa “prontos para a defesa e o trabalho”. Franco em Espanha e Salazar em Portugal usaram o desporto como uma arma para controlar os respectivos regimes. A máxima de Stroessner para o desporto, enquanto presidente do Paraguai, era “o corpo ao serviço da pátria”. Também o Brasil teve a sua versão fascista de utilização do corpo através do desporto no consulado de Getulio Vargas (Lamartine Costa, 1999).

Durante os últimos cinquenta anos do século passado, o mundo do desporto foi conduzido pela rivalidade entre os Estados Unidos da América e a União Soviética. Nos EUA Robert Kennedy afirmava em 1964: “É de interesse nacional que nós voltemos a ganhar a nossa superioridade olímpica e que uma vez mais demos ao mundo uma prova da nossa força interior e vitalidade”. Os boicotes aos jogos de Moscovo (1980) e de Los Angeles (1984), foram algumas das consequências mais visíveis da política de confrontação das grandes potências através do desporto. Aliás, os boicotes já vinham de trás. O Egipto, o Iraque e o Líbano tinham boicotado os Jogos de Melbourne (1956), em protesto contra o controlo anglo-francês do Canal do Suez. Os Países Baixos, a Espanha e a Suíça também o fizeram em protesto contra a invasão da Hungria. Em Montreal (1976), 33 países africanos representando mais de 400 atletas boicotaram os Jogos em protesto contra a política do apartheid.

Pese embora todas as dificuldades, os governos nunca, de uma maneira ou de outra, deixaram de apostar em “projectos olímpicos”. Um caso paradigmático é o

Canadiano. Por exemplo, nos Jogos Olímpicos de Roma (1960), os Canadianos conseguiram somente uma medalha de prata em remo. Em 1970, segundo Bruce Kidd, professor na Universidade de Toronto que competiu pelo Canadá nos Jogos de 1964 (Time, July 15 1996 vol. 148, nº 3), na Administração Trudeau, o investimento no desporto aumentou significativamente. O desporto no Canadá profissionalizou-se, os atletas começaram a ser pagos pelo Estado e foram fundadas diversas organizações profissionais para acelerar o desenvolvimento. Trudeau, esperava que uma participação olímpica com sucesso pudesse promover a unidade nacional. Estes esforços, foram ainda incrementados com uma política muito agressiva de realização de grandes eventos internacionais, construção de novas instalações desportivas, formação de novas lideranças e mobilização da população através dos resultados das equipas nacionais sem que os objectivos referentes à construção de uma unidade nacional tivessem sido alcançados.

K. Roberts (1992) afirma que o desporto está num processo de desagregação. O problema é que este processo de desagregação está a fazer com que o Estado perca completamente o seu controlo. A alta competição, o desporto amador, os clubes, a generalização da prática, estão a perder a antiga interdependência ideológica para além da interdependência em termos de capital humano, organização de recursos e fontes de financiamento. O autor conclui: “o desporto está a tornar-se numa entidade menos coerente o que significa que a perspectiva de construir uma coerente e especializada ciência do desporto está em retrocesso.” É o que está a acontecer a diversas instituições e organizações desportivas por todo o mundo. Nesta situação, os governos deixaram de saber o que fazer, e como tal, fazem aquilo que lhes é ditado pelas pressões dos lobbies institucionalizados e, por isso, à margem de qualquer gestão política do interesse público.

Deste modo, quando uma situação atinge uma enorme confusão, a melhor estratégia é começar tudo de novo e apurar o que é que o desporto dos nossos dias, em termos de responsabilidade do Estado, realmente representa no processo de desenvolvimento humano. Claro que se pode continuar a correr atrás dos acontecimentos. No entanto, de uma maneira geral, as pessoas não aceitam aquilo a que podemos chamar de “cocacolização do desporto”, quer dizer a transferência para o mercado das responsabilidades inalienáveis do Estado, como uma estratégia dos governos para aligeirarem responsabilidades, deixando para o mundo das organizações comerciais, que no fundo se servem (legitimamente) do desporto para vender os próprios produtos, uma responsabilidade que deve competir ao Estado. Quando isto acontece, significa que os governos não estão a cumprir a sua missão, e estão a transformar os seus cidadãos em meros clientes, esquecendo-se que cada cliente antes de o ser, é um cidadão com direitos intransmissíveis.

Por tudo isto, o Olimpismo pode ter um papel de fundamental importância ao contrariar este estigma das sociedades modernas, que é o da total incapacidade do Estado gerir o fenómeno desportivo, através, por um lado, de uma dinâmica burocrática, pela institucionalização de regras, e, por outro, por uma dinâmica de racionalidade pela defesa do interesse público. Sem princípios, moral, ética, confiança, e liderança, é praticamente impossível conduzir o processo de desenvolvimento do desporto de acordo com as expectativas das pessoas e das suas necessidades. Em nossa opinião, quando a confusão é generalizada, o melhor é regressar às origens, aos ideais Olímpicos aqueles que nos foram legados pela cultura grega e adaptados ao nosso tempo por esse grande visionário do século XX que foi Coubertin. São eles que podem determinar os objectivos e restabelecer novamente o rumo para o desporto moderno.

Mercado

O desporto é um efectivo transmissor de imagens, ideias conceitos e valores. Desde a performance dos atletas e das vitórias das equipas nacionais, até aos escândalos do mercado de venda de bilhetes, que volta e meia ocorrem aquando da organização de grandes eventos desportivos, o desporto, para o melhor e para o pior, cada vez tem mais impacto nos sistemas nacionais de comunicação de massas.

A indústria do desporto, é hoje, simultaneamente, um mercado de negócios que pode vir a ser um dos de maior significado no mundo contemporâneo. Segundo a "Sport Business" (24 Maio, 2002), o mercado desportivo chinês representa 5 biliões de dólares americanos por ano. Este valor está estimado para cerca de 100 milhões de consumidores pertencentes a uma classe média. No entanto, as potencialidades são enormes se considerarmos que a população chinesa já ultrapassou os mil milhões. Neste sentido, as grandes multinacionais, na gestão dos seus negócios, estão a tomar posições na perspectiva de conseguirem vantagens competitivas através de uma posição estratégica vantajosa.

Mas se as perspectivas são extraordinariamente aliciantes, é necessário ter, também, em conta que o horizonte pode estar cheio de ameaças. Tal como foi referido no "VIII Forum do Desporto" realizado em Salzburg, a 25 Novembro 1998 o desporto enfrenta três categorias de problemas: (1) Um comercialismo exagerado; (2) Falta de protecção para os jovens atletas; (3) Doping. É evidente que o principal problema é o comercialismo na medida em que envolve e potencia os outros. Neste sentido, a pergunta que se coloca é a de saber em que medida o Olimpismo enquanto instrumento de desenvolvimento humano, pode lidar com o comercialismo que hoje envolve o mundo do desporto, sem se deixar contaminar por ele.

Nos últimos anos, grandes grupos da comunicação social da indústria do

entretenimento têm vindo a adquirir um número cada vez maior de clubes de futebol. Por exemplo, o grupo francês “Canal Plus” controla o Paris Saint-Germain e o Servette Genève. A companhia inglesa ENIC (England National Investment Co.), com sede em Londres, comprou 54% do Slavia de Praga. Esta companhia é detentora de grande parte do AEK de Atenas e do Vicenza de Itália e de uma importante parte do Glasgow Rangers’s da Escócia. Georges Soros é o accionista principal do Vasco da Gama do Brasil e Silvio Berlusconi, com a Media Partners, é o dono do AC Milan e o mais entusiasta defensor da Super Liga. Rupert Murdoch comprou 5% do capital do Sunderland que é o quarto clube da BSkyB controlada por Murdoch que tem, ainda, acções no Manchester United, Leeds e Manchester City. Em Portugal, a média Capital, é detentora do Estoril-Praia Futebol SAD e do SAD Leiria. Perante a situação que hoje se vive em que as grandes empresas multinacionais estão a tomar conta do mundo do desporto, temos de nos perguntar se o Olimpismo e os próprios Jogos Olímpicos não correm o risco de deixar de ser uns jogos de atletas ou de países para passarem a ser uns jogos de marcas (brands)?

Empreendedores como Rupert Murdoch e outros, bem como organizações tais como a Alemã Kirch, as holandesas Morgan Granfell, Ing Barings e UBS, pretendem dominar a indústria do entretenimento através de grupos de empresas com uma estratégia de integração vertical numa cadeia de valores económicos, representados por produtos e serviços específicos. O objectivo é controlar a produção de conteúdos e a sua distribuição. No entanto, como se sabe, estas grandes organizações, quando menos se espera entram em colapso como aconteceu, por exemplo, à Kirch ou à ISL, deixando em estado de choque muitas organizações do mundo do desporto, sobretudo do mundo do futebol, aliás à semelhança de outras tantas falências tal como da Worldcom Inc. (2002), Enron Corp. (2001), Texaco Inc. (1987) e outras, que estão a deixar a economia mundial em estado de pânico. Mas estes desastres não parecem fazer esmorecer os eventuais investidores, porque, entretanto, outras grandes empresas como a Disney, Time Warner, Bertelsmann, Viacom Group e, provavelmente, a Sony e a Microsoft de Bill Gates, já estão a competir por uma posição na indústria do entretenimento global. Em conjunto, são proprietários de satélites, redes de transmissão, serviços de televisão, discos e companhias de música, estúdios de Hollywood, empresas de produção, televisões por cabo, filmotecas, produtoras de software, bases de imagem digitalizada, editoras, clubes e empresas de desporto, pelo que estão a apostar numa forma integrada no mundo do entretenimento. Estamos no domínio da gestão económica do desporto, da gestão de negócios, do espectáculo desportivo e da economia do desporto, como representamos no quadrante (D).

Se hoje é reconhecido que o desporto em geral pode interferir na economia, o futebol em particular fá-lo com grande incidência. Mas se considerarmos os Jogos

Olimpícos, os efeitos ainda podem ser mais significativos. No entanto, é bom que se entenda que esta inter-relação entre o desporto e a economia nem sempre é de sinal positivo na medida em que muitas vezes o ser humano é o que menos interessa em todo um processo em que se visa, exclusivamente, obter o lucro. Há desporto gerador de externalidades de sinal negativo que não podem deixar de ser consideradas. Em conformidade a candidatura à organização de Jogos Olímpicos, deve obrigar a procedimentos, garantias e decisões que afastem candidaturas aventureiras sem a mínima consistência e, ainda menos, viabilidade, em que a única coisa que se procura é obter um efeito de anúncio, em benefício de dirigentes desportivos ou políticos de moralidade duvidosa. A ideologia Olímpica, enquanto conjunto de princípios valores e normas, na defesa dos grupos sociais mais desfavorecidos, tem uma palavra a dizer e está de alguma maneira a dizê-la, uma vez que não faz sentido que projectos de candidatura à realização dos Jogos Olímpicos se virem contra os interesses e os direitos das pessoas.

Nas mais diversas áreas e sectores da política desportiva o Olimpismo, sem cedências ao mercantilismo que de uma forma desenfreada em muitas circunstâncias está a envolver o desporto moderno, deve, directa ou indirectamente, ser o arauto das diferentes necessidades dos mais diversos estratos sociais e propor as soluções mais ou menos auto-sustentadas em função das respectivas necessidades e anseios das populações. O problema universal, é que, a curto prazo, em termos políticos, uma medalha Olímpica vale mais do que um milhão de pessoas a praticar desporto. Ora, tem de ser o próprio Olimpismo a contrariar esta tendência, em defesa do próprio Olimpismo.

Síntese

Aos olhos dos cidadãos do mundo Ocidental, depois do colapso da União Soviética e dos seus satélites, o capitalismo parece que triunfou. Como supostamente o capitalismo triunfou, o sector privado tornou-se bom e o sector público mau. Agora parece que o mercado está transformado no novo deus e o marketing numa nova religião, mesmo no domínio do desporto. Neste sentido, as preocupações actuais são com a “marketinguização”, provocada pelo processo de globalização que, no fundo, está a transformar os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. O movimento olímpico parece que entrou nesta dinâmica frenética que acabará por se virar contra as pessoas. Temos de chamar às pessoas clientes para as tratar decentemente? Esta é a pergunta que nos deixa Henry Mintzberg (1996).

De facto, segundo este autor, o capitalismo não triunfou. O que triunfou foi o equilíbrio.

O problema é que a lógica do triunfo do capitalismo está a colocar as sociedades ocidentais em profundo desequilíbrio. Será que também o estrondoso êxito dos Jogos Olímpicos, está a colocar o Olimpismo numa situação de profundo desequilíbrio? Entre os valores do humanismo e os valores do mercantilismo? Quer dizer, o modelo que apresentámos, que devia ter um justo equilíbrio entre os quadrantes, está a descambar para o quadrante (D) provocando enormes desequilíbrios no sistema desportivo mundial.

A promoção do mercado tornou-se, nos últimos anos, como que uma palavra de ordem, muito embora, hoje, seja reconhecido que a perspectiva liberal da economia de mercado não está a resolver todos os problemas. Desde logo, os que têm a ver com o direito à saúde, à habitação, ao trabalho, à educação e ao desporto e, em consequência, ao Olimpismo enquanto usufruto de um sistema ideológico e cultural que nos garante um sistema desportivo, do ensino ao alto rendimento, processado de acordo com os valores que devem presidir ao desenvolvimento humano. Ora os valores do Olimpismo têm de ser defendidos na lógica do quadrante ((B) e aqueles que devem ser prosseguidos pelo Estado na lógica do quadrante (C). No entanto, o Mundo ao estar a viver uma profunda crise de princípios e de valores sobrevaloriza as virtualidades do mercado, tantas vezes dum mercado perfeitamente selvagem, em prejuízo das responsabilidades que competem ao Estado. Em nossa opinião, a economia de mercado nos seus excessos, o desinteresse cada vez maior por parte do Estado, para além de um dirigismo mal formado, colocaram o Olimpismo numa dinâmica economicista e, em consequência, numa situação de profundo desequilíbrio, pelo que agora é urgente que se proceda um reequilíbrio de todo o sistema.

Espera-se que, neste início do sec. XXI, se comece a olhar para as pessoas e os seus direitos, numa verdadeira dimensão humana. Na sua capacidade criadora e empreendedora (quadrante A), na sua necessidade de ordem e de hierarquia (quadrante B), naquilo a que tem direito por parte do Estado enquanto entidade reguladora (quadrante C), e, finalmente, na sua capacidade de produzir riqueza através do desporto enquanto meio (quadrante D). Nesta conformidade, boas opções políticas desenvolvidas a nível nacional e internacional devem ser aceites do ponto de vista normativo em salvaguarda de valores éticos, sustentados pela cooperação internacional entre estados, a sociedade civil e o sector privado. (Eide Asbjørn, 1998). Numa estratégia global, é imperativo ligar o desenvolvimento do desporto à justiça social, considerando que, num modelo de desenvolvimento promíscuo, o negócio dos grandes eventos desportivos promovidos pelos países ricos, acaba por ser injustamente suportado pelos países de mais baixo nível de desenvolvimento humano. A violação dos direitos humanos tem sido contactada demasiadas vezes, nos mais diversos aspectos da indústria ligada ao desporto. De acordo com as Nações

Unidas, a comunidade internacional deve formular códigos de conduta no que diz respeito aos direitos dos trabalhadores do desporto. É uma questão moral e ética quando vemos jogadores como Ronaldo, Michel Jordan e outros, a serem indirectamente pagos por países pobres nos quais as despesas públicas em educação e saúde decaíram de 2.0% do PIB em 1986-90 para 1.8% em 1991-96. O quadrante (D) do modelo, pela força do dinheiro não pode impor as suas regras aos restantes sectores do desenvolvimento.

Vivemos no mesmo Planeta pelo que as pessoas, estejam elas onde estiverem, são, pelo menos moralmente, afectadas pelos mais diversos acontecimentos que acontecem nos quatro cantos do Mundo. O falhanço das políticas liberais respeitantes ao mundo do desporto recomendam uma nova vocação para o Olimpismo (aliás de acordo com o n.º 12 do Capítulo 1º da Carta Olímpica), no sentido de haver uma maior responsabilização na promoção do desporto para a generalidade das pessoas, e não exclusivamente a promoção do desporto de alto nível ligado aos negócios, o que significa estabelecer um modelo equilibrado entre os diversos quadrantes do nosso modelo.

Tal como foi referido no Relatório de 1999 do Banco Mundial, apesar dos avanços significativos no último quartel do século XX a pobreza está a avançar significativamente em muitas partes do mundo, especialmente naqueles afectados por conflitos. Em nossa opinião, o Olimpismo tem uma palavra a dizer no restabelecimento de todo um equilíbrio necessário em busca dum desporto melhor. E o desporto só pode ser melhor se o Olimpismo for assumido como um instrumento de combate às misérias do desporto e do Mundo. A cultura formata o modo como vemos o mundo. O Olimpismo enquanto instrumento de formatação cultural, é uma chave fundamental para desenvolver um projecto a nível mundial no qual podem ser desenvolvidas novas políticas que modifiquem as atitudes das pessoas e dos governantes no sentido de assegurar um desenvolvimento sustentado, quer dizer que não comprometa a qualidade de vida das gerações vindouras, numa cultura de paz. Entendemos o Olimpismo como motor de todo esse processo.

A assumpção de que a racionalidade do mercado vai resolver todos os problemas é seguramente uma desilusão. Se a lógica do quadrante (A) se associar à lógica do quadrante (D) num processo descontrolado de acção, é uma possibilidade que o desporto já está a sofrer alguns efeitos. Isto significa que o Estado (quadrante C) não pode esperar que o mercado resolva todos os problemas relativos ao desporto enquanto instrumento de desenvolvimento humano. Para além dos apoios humanos, materiais, financeiros e informacionais, o desporto deve ser influenciado por um conjunto de normas éticas que devem ser garantidas por organizações supranacionais como o CIO (quadrante B) na certeza de que o desenvolvimento do desporto, em

última análise, é um processo de desenvolvimento humano, em que cada um e todos buscam a transcendência individual e colectiva. Esta busca pela transcendência tem de ser conseguida pela busca constante do equilíbrio dinâmico.

A ideologia necessita de uma concepção de justiça, quer dizer, um sentido acerca daquilo que é justo e injusto e, a este propósito, o Olimpismo não pode deixar margem para dúvidas. Contudo, a análise ideológica acerca do desenvolvimento do desporto não requer que as pessoas tenham uma graduação em filosofia da justiça, para poderem discutir e argumentar as razões acerca daquilo que está certo e errado no que diz respeito ao desenvolvimento do desporto. A filosofia acerca da justiça, geralmente é demasiado abstracta para que possa permitir julgamentos acerca de políticas sociais particulares, sobretudo naqueles domínios que são cruzados por uma dinâmica emocional como é o caso do desporto. Tal como J. M. Balkin (1998) referiu, uma pessoa pode saber exactamente qual o significado de justiça sem que com isso tenha de ser capaz de a definir exactamente.

Conclusão

Em muitas circunstâncias o desporto tem sido gerido numa base internacional ou intergovernamental. A partir do momento em que o desporto aumenta as suas relações com a economia real, por exemplo, através do profissionalismo, clubes empresas ou mercados de acções, reduz o poder efectivo dos governos nacionais. É o que está a acontecer com diversas instituições e organizações por todo o mundo. O ponto crítico deste debate é o de saber até onde é que o desporto irá no processo de globalização e a atitude política que os governos adoptarão no sentido de promoverem um sistema desportivo útil a um nível nacional. O processo de globalização abriu a caixa de Pandora. Em conformidade, também as organizações supranacionais não podem deixar de estar comprometidas com os caminhos que o desporto está a trilhar, sobretudo quando o seu processo de desenvolvimento se afasta do próprio desenvolvimento humano.

Estamos a viver uma situação muito estranha considerando o decréscimo do poder das nações sobre os respectivos sistemas desportivos. O processo de globalização está a envolver todo o mundo e em consequência a fazer decrescer a efectividade dos governos a nível de cada país. Isto significa que o mundo do desporto, em muitas circunstâncias, se encontra em regime de roda livre, a funcionar à margem de quaisquer valores e de qualquer ideia estratégica, pelo que uma organização como o CIO acaba por ficar com responsabilidades acrescidas.

Tal como a maioria das religiões assumem um papel de controlo social através dos seus valores, das suas práticas, das suas normas e regulamentos, também o Olimpismo

deve ser transformado num código de ética e de conduta no âmbito do desenvolvimento do desporto, enquanto instrumento de desenvolvimento humano tanto para os estados como para as demais organizações desportivas. O Olimpismo tem de se transformar numa espécie de religião para o desporto, sob pena do desporto descambar para práticas que nada têm a ver com a dignidade humana.

Em conformidade, precisamos de novos líderes capazes de promoverem um sistema desportivo tanto a nível nacional como internacional de cariz democrático, preocupado com as ideias, sentimentos e necessidades das novas gerações, de acordo com as necessidades provocadas pelas grandes transformações sociais que estão a acontecer à escala do Planeta. Como toda a gente sabe, os líderes do futuro estão hoje na escola e o problema é que numa grande maioria de países do mundo existe uma grande diferença entre o discurso dos líderes políticos e os programas que deles resultam.

A organização do desporto moderno, é um sistema complexo que opera através de diversas formas institucionais. Contudo, não existem instituições perfeitas que funcionem sempre bem para todos os tipos de sociedades. Nestas circunstâncias, o desporto também deve ter em termos ideológicos um programa de acção à escala do planeta. Para que tal possa acontecer, e de certo modo já está a acontecer com a Solidariedade Olímpica, é necessário a existência de modelos interpretativos que possibilitem uma análise em profundidade do próprio sistema desportivo. É necessário um envolvimento sustentado através dum processo político inovador que coloque novamente em equação os verdadeiros e eternos valores do desporto. Este desafio que inclui o emprego para todos, segurança social, saúde, justiça e outros bens civilizacionais, tem de ser conseguido através da integração do desporto nas políticas necessárias à melhoria da qualidade de vida das populações.

Para cumprir este desiderato devem ser respondidas duas questões fundamentais:

- Como gerir os problemas sociais que estão a afectar o mundo do desporto?
- Como construir uma visão alargada a nível mundial respeitante a uma estratégia de transformação?

Responder a estas questões, significa desenvolver uma visão estratégica com possibilidade de ser gerida a nível do terreno, quer dizer:

- Uma visão de longo prazo;
- A capacidade de agir localmente com um perspectiva global, tal como Theodore Levitt referiu.

Estes aspectos não podem deixar de ser considerados como cruciais no quadro do Olimpismo moderno, porque, se não o forem, é o próprio Olimpismo que fica em causa, por ausência de valores humanos e duma estratégia de organização do futuro.

Bibliografia

Asbjørn, Eide (1998) Human Rights, Policy Frameworks, and the Role of the State and the Market in Fulfilling Economic and Social Rights, Report on Oslo Symposium, United Nations Development Program - Human Development and Human Rights, The Royal Ministry of Foreign Affairs of Norway, 2, 3 October.

Bachrach, Susan (2000) The Nazi Olympics Berlin 1936, Boston new York London, Little Brown and Company

Balkin J. M. (1998) Cultural Software: A Theory of Ideology, New Haven, Yale University. Press.

Carvalho, A. Melo (1986) O que é o Olimpismo, Lisboa, Livros Horizonte.

Brohm, Jean-Marie (1972) La Civilisation du Corps: Sublimation et Désublimation Répressive, in: "Sport Culture et Répression" Paris, Maspero.

Coubertin, Pierre (1931) Mémoires Olympiques, Paris, Editions Revue "EPS".

DeSensi, Joy (1996) Ethics in Sport Management, University of Tennessee Knoxville, ed. Fitness Information Technology (Morgantown, WV).

Finkelkraut, Alain, (1987) La Derrota del Pensamiento, Barcelona, Editorial Anagrama.

Gasset, Ortega (1987) A Origem Desportiva do Estado, Lisboa, Direcção-Geral dos Desportos, 1ª ed. 1924.

Gasset, Ortega (1989) A Rebelião das Massas, Lisboa, Relógio d'Água Editores.

Guay Donald (1993) La Culture Sportive, Paris, PUF, Col. Pratiques Corporelles.

Habermas Jurgen (1993) Justification and Application, GB, Policy Press.

Handy Charles (1998) The Hungry Spirit, New York, Random House.

- Hoberman, M. John (1989) *Sport and Political Ideology*, U.S.A., University of Texas Press.
- Jennings, Andrew (1999) *The Great Olympic Swindle – When the World Wanted its Games Back*, GB, Simon & Schuster UK Ltd.
- Kidd, Bruce (1980) *The Political Economy of Sport*, Ottawa, Canadian Association for Health Physical Education and Recreation.
- Lamartine, P. Costa (1999) *Superman Supreme – Fascist Body as Political Icon – Global Fascism*, in : “The International, Journal of the History of Sport”, Vol. 16, n 4, special issue.
- Lanfant, Marie-Françoise (1972) *Les Théories du Loisir*, Paris, PUF.
- Lenskyj, H. Jefferson (2000) *Inside the Olympic Industry – Power, Politics, and Activism*, Albany, State University of New York Press.
- Meynaud, Jean (1966) *Sport et Politique*, Paris, Payot.
- Mintzberg Henry (1996) *Managing Government, Governing Management*; in: “Harvard Business Review”, May-Jun.
- Paz, Castejon (1973) *La Rationalization des Choix en Matière de Politique Sportive Esquisse d’une Metodologie Les Instruments Conceptuels*, Strasbourg, Conseil de L’Europe.
- Pires, G. (1994) *Do Jogo ao Desporto, Para uma Dimensão Organizacional do Conceito de Desporto. Um Projecto Pentadimensional de Geometria Variável*, In. “Ludens”, Vol.14, nº1, Janeiro - Março.
- Pires, G. (1996) *Desporto e Política – Paradoxos e Realidades*, Funchal, O Desporto Madeira.
- Pociello Ch. (1991) *Nouvelles Approches* in: “Sports et Société, Approche Socio-Culturelle des Pratiques”, Paris, Vigot.
- Roberts, K. (1992) *The Disintegration of Sport*, in: *Sport and Physical Activity*, London,

E&FN Spon, The proceedings of the AIESEP World Convention.

Simon, V. & Jennings Andrew (1992) Los Senores de los Anillos. Poder, Dinero y Doping en los Juegos Olímpicos. Barcelona, Edicions Transparència, SA El Triangle.

Toffler, Alvin (1984) - A Terceira Vaga, Lisboa, Livros do Brasil, trad. Fernanda Pinto.

Vassort, Patrick (2002) A Fossa Mafiosa do Futebol Mundial, in: Le Monde Diplomatique, nº 39, ano 4, Junho de 2002, Ed. Portuguesa.

Volpicelli, L. (1967) - Industrialismo e Sport, Buenos Aires, Paidós.